

MAR

SANTIAGO, abril. (Pela Pa-
nair do Brasil).

Antes de chegar ao mar acompa-
nhamos o Rio Maipo, e o atra-
vessamos, logo acima da foz, por
uma ponte de centenas de me-
tros. O leito do rio é assim lar-
go, mas neste tempo do ano an-
ta é escasso de águas, e se divi-
de em vários cristalinos córre-
gos que ora seguem paralelos,
ora se encontram, depois se di-
videm outra vez, alegremente,
como se nessa vadiação quises-
sem vingar o tempo de angústias
que tiveram ao nascer nos altos
nevados da Cordilheira, de onde
se despenham por calhadas ás-
peras, exíguas. E' larga, a bar-
ra do Maipo, e além da barra,
do alto da ponte, vemos, batido
pelo vento sul, fremente de es-
pumas, cinzento e verde, o mar.

E o reencontramos depois, ao
sabor de uma curva de colina,
ou fervendo entre rochedos, ou
soltando sua cavalaria de ondas
pela praia larga de areia escura:
mais tarde o ouviremos mugir ao
sol-pór, recebendo no seu bôio o
astro cansado que se esvai nas
ondas em um lento sangue côr-
de-rosa. Uma senhora chilena
nos chama a atenção para o colo-
rido desta "puesta del sol"; o co-
lorido, minha senhora, é fraco,
tênue, sem a violéncia dos cre-
púsculos tropicais; mas conven-
hamos em que é belo; o sol,
nascendo ou morrendo no mar,
é sempre belo.

Santo Domingo é um balneari
pequeno, desenhado em estradi-
nhas curvas, salpicado de casas
novas e alegres; o chileno tem
gôsto para casas, e aqui festeja
a alegria da praia com muitas
côres vivas, associação de pedras
e madeira, varandinhas gracio-
sas, chaminés — e flôres, muitas
flôres por tôda parte, mais vivas
e palpitantes graças ao fundo
verde-escuro dos pinheiros. San-
to Domingo tem clube de polo e
de hipismo, e a menininha brasi-
leira que um casal leva passeia
no lombo de um "pony" gordo;
tem golfe e ténis, e tem junto à
praia uma grande e bela piscina
de água salgada. A casa onde
nos recebem é tôda cheia de gra-
ça e conforto; o seu teto é um
jardim, e da saleta o que se avi-
sta é o cimo das árvores e, além
dêle, o mar. Há mil pequenos
objetos curiosos pendurados um
pouco por tôda parte, nesse ex-
cesso tão feminino de bugigan-
gas e lembranças; mas tudo se
funde num tom geral de palha;
há palha no chão, nas portas, nas
paredes, e até entre palhas se
oculta um piano. Ficamos a
quentar sol no jardim, tomando
um vinho tinto, sentindo no ven-
to essa mistura de resina de árvo-
res e maresia que nos embriaga
pelos pulmões. Passeio sôzinho
pelo bosque, deixo-me ficar na
sombra e na solidão, como pro-
curando um pouco de intimidade
com essa terra do Chile; mas ca-
ninho com êsse cuidado instintu-
vo do brasileiro, habituado a se
livras de cobras, insetos, aranhas.
E' inútil. o Chile não tem nada
disso, suas raras cobras não têm
veneno, o mato do Chile é mais
civilizado que qualquer bosque
em volta de Paris, onde uma ví-
bora sempre vos espreita no chão.
Isso aprendi numa antologia com
o bom padre Alonso de Ovalle,
que já em 1600 dizia que "puede
un hombre sentarse debajo de
qualquier árbol y revolcarse en-
tre las yerbas sin temor..."

Não me revolcarei. Remonto a
colina, volto ao seio da família
suave que juntou nesta casinna
lembranças de outras terras e
amizades. Quando voltamos por
Techos Verdes, Llolle e San An-
tonio, a noite vai caindo; abando-
namos o mar; mas o rádio do
carro começa a tocar uma mú-
sica demasiado conhecida: "Pe-
guei um Ita no Norte..." Você
ficaria muito comovido se esti-
vesse aqui, com êste vinho no
crânio, nesta riba de outro mar,
neste comêço de noite, Dorival
Caymmi, poeta de meus mares,
meu camarada e meu irmão.

271